**RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA ESCOLA DE APLICAÇÃO PROFESSOR CHAVES – NAZARÉ DA MATA – PE**

Natália Barboza Ferreira[[1]](#footnote-1)

Igor Lapsky Da Costa Francisco[[2]](#footnote-2)

Manoel Mercias Da Silva[[3]](#footnote-3)

**Resumo:** O presente trabalho visa relatar a experiência da autora enquanto bolsista do Programa de Residência Pedagógica, subprojeto de História, da Universidade de Pernambuco (UPE) – Campus Mata Norte, na Escola de Aplicação Professor Chaves – situada no município de Nazaré da Mata, PE. O intuito desse trabalho é refletir a respeito da Residência Pedagógica enquanto programa de iniciação à docência através das atividades desenvolvidas tanto dentro, quanto fora da sala de aula, seja na IES ou na escola campo, através da interação social (com outros docentes, coordenadores, demais funcionários, alunos e a comunidade em geral) e prática pedagógica. O projeto destaca a importância da aproximação entre o estudante de licenciatura e a sala de aula e trabalhando com base nisso transforma a “teoria” em “práxis”[[4]](#footnote-4).

**Palavras-Chave:** Educação. História. Iniciação à docência.

**Introdução**

O propósito deste trabalho é relatar as experiências adquiridas através do Programa de Residência Pedagógica (CAPES/UPE – Subprojeto de História), por meio de atividades realizadas na Escola de Aplicação Professor Chaves, sob a supervisão do professor preceptor Manoel Mercias da Silva (que ensina a disciplina de História na mesma).

No edital nº 06/2018 da CAPES, que diz respeito ao Programa de Residência Pedagógica (PRP), constam como principais metas e tarefas a serem realizadas: o desenvolvimento de “projetos que fortaleçam o campo da prática” e exercitem a “relação entre teoria e prática docente”, “induzir a reformulação no estágio supervisionado nos cursos de licenciatura”, “fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola” e “promover a adequação dos cursos e propostas pedagógicas [...] às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”, desse modo, em outras palavras, o PRP pode ser considerado um aprimoramento do Estágio Supervisionado que tenciona inserir o estudante de licenciatura no ambiente escolar de maneira “planejada e sistemática”, partindo do pressuposto que o estudante será “estimulado a refletir e avaliar sobre sua prática e relação com a profissionalização docente”.

Para executar algo tão grandioso, o PRP dividiu-se em cinco fases: A 1ª fase (entre Agosto e Setembro de 2018) foi destinada a preparação dos alunos e supervisores para a participação do projeto; a 2ª fase (que ocorreu entre Outubro de 2018 e Janeiro de 2019) consistiu na ambientação do residente e elaboração do plano de atividades, sob a supervisão do coordenador e o supervisor do projeto; a 3ª fase – que aconteceu entre Fevereiro e Novembro do ano desse ano (2019) – compreendeu ao período de regência, elaboração de projetos e planos de aula; por fim, nas duas últimas fases do projeto (em Dezembro de 2019 e Janeiro de 2020) serão realizadas a entrega do relatório final, bem como eventos para avaliação e socialização entre integrantes do programa e a comunidade científica.

Esse modelo estrutural foi organizado tendo como meta a formação de professores reflexivos a respeito do cenário educacional, capazes de identificar e solucionar problemas relacionados à prática didática, respondendo às novas demandas e cultivando habilidades necessárias para o exercício da profissão. Desse modo, o programa, ao inserir estudantes dos cursos de licenciatura em escolas durante um ano, possibilita uma espécie de formação inicial prática (licenciados) e continuada (preceptores), através de um progressivo contato metódico entre os estudantes e professores da IES e os estudantes e professores da rede básica de ensino, efetivando a parceria entre diferentes instituições e possibilitando ao formando a interação entre pesquisa acadêmica, teoria e prática docente.

Assim, busco por meio desse relato, através da análise bibliográfica e descrição das experiências vivenciadas enquanto residente, demonstrar o sucesso da aplicabilidade do projeto, que cumpre com perfeição seu maior objetivo: formar professores capacitados a exercer a profissão com maestria.

1. **Primeira Fase: Ambientação**

A Escola de Aplicação Professor Chaves, situada na Rua Professor Américo Brandão, n° 43, Centro, Nazaré da Mata, foi criada em 30 de Janeiro de 1995 através do Decreto n° 18.334/95, inaugurada no mesmo dia, instalada oficialmente em 21 de fevereiro de 1995 e regulamentada em 19 de Junho de 1998 através da Portaria SEE 3702.

Atualmente a escola oferece Ensino Fundamental de 6° a 9° ano e Ensino Médio completo, e já ofertou o Curso Normal Médio em convênio com o INCRA/MST/PRONERA/UPE usando recursos do antigo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

A escola apresenta uma boa estrutura física, exceto em relação a climatização de algumas salas estudantis, que esquentam facilmente e são difíceis em resfriar; apresenta quadra poliesportiva, material para as aulas de educação física; 6 banheiros (sendo três masculinos e três femininos) destinados especificamente aos alunos, aos docentes e a equipe de serviços gerais; as sala dos professores, secretaria, coordenação, diretoria, laboratório de física e biblioteca são climatizadas (embora o ar-condicionado das duas últimas necessite de manutenção).

Existem salas específicas para os professores efetivos de História, Geografia, Biologia e Inglês (cada uma organizada tematicamente com materiais de apoio – obras de arte, mapas, globos, amostras de rochas, banners, animais empalhados, posters de filmes, etc.), localizadas na área superior do Bloco C; assim, os alunos se deslocam de suas salas até a (sala) do professor onde as aulas são realizadas. Todo o Bloco A e B é composto de salas estudantis, com uma área comum entre os dois, enquanto o térreo do Bloco C é dividido entre salas estudantis e o laboratório de informática (desativado) na ala esquerda e o laboratório de Física, Sala de Reunião (pouco utilizada; geralmente utiliza-se o Lab. de Física para reuniões como, por exemplo, o conselho de classe), Sala dos Professores, Coordenação e Direção (a secretaria localiza-se logo na entrada, próxima a quadra. A EAPC também possui um refeitório, Sala do Grêmio, dois Arquivos, uma Sala para o Material de Educação Física e um depósito.

A Biblioteca Escolar Monsenhor Petronilo Pedrosa foi reativada recentemente, com acervo registrado em um livro de tombo e disponível para empréstimos a professores, alunos e estagiários (incluindo residentes); seu acervo é diversificado e cumpre as metas do PPP escolar de desenvolver uma leitura “informativa, do conhecimento e do prazer”[[5]](#footnote-5), compreendendo obras da literatura nacional e universal, livros infanto-juvenis, coletâneas poéticas, livros didáticos e revistas educacionais (História, Matemática, Português, Biologia, Filosofia), pedagógicas e informativas.

Quanto aos recursos tecnológicos existentes, parte dos data shows está quebrado ou em manutenção; os que estão em bom estado se encontram nas salas individuais ou são de uso comum através de agendamento. Há um computador, impressora com scaner em funcionamento e livros de todas as disciplinas na sala dos professores, além de um equipamento de som, câmera fotográfica e filmadora.

O corpo docente é composto por 22 professores, sendo 17 efetivos e 5 contratados, além dos estagiários e residentes. A EAPC ainda conta com um Serviço de Orientação Pedagógico composto por uma pedagoga e uma psicóloga; o restante do corpo de funcionários é composto pelo diretor, a vice-diretora, a secretária e dois auxiliares-secretários, duas bibliotecárias, funcionários extras que trabalham na Coordenação, as faxineiras e cozinheiras (que são terceirizadas) e o zelador.

1. **Breve análise do Projeto Político Pedagógico (PPP)**

O PPP vigente da escola é de 2007, estando, portanto, desatualizado e sua renovação está marcada para o final deste ano (em 2019), após o encerramento do quarto bimestre, por um comitê já designado de professores, dentre eles, o professor preceptor de História.

Destaca-se o afastamento progressivo entre a EAPC e a UPE, parte disso pode ser explicado pela distância espacial entre as instituições, a diferença entre seus horários (algo requisitado pelo PPP, mas inviável na prática). Outro destaque no PPP desatualizado, são as inferências a valores religiosos cristãos, inadequado a laicização da instituição.

Entretanto, como o documento está desatualizado, muitos problemas apontados por ele já formam resolvidos ou estão em processo de mudança, como o caso já citado anteriormente, da relação entre a escola de educação básica e a IES que, graças a programas como a Residência Pedagógica, tem reatado o vínculo de desenvolvimento de pesquisas em conjunto.

1. **Desenvolvimento das atividades**

Os encontros escolares foram realizados, sob a supervisão do professor preceptor Manoel Mercias da Silva (que leciona a disciplina de História na mesma), nos dias de terça ou quarta-feira durante o turno da manhã, para que houvesse um melhor acompanhamento das duas turmas de 9º Ano; ao passo que a cada quinze dias, nas terças-feiras à tarde, nos reuníamos no Campus Mata Norte com o professor orientador do projeto Igor Lapsky com a intenção de debatermos temas interligados ao programa (a partir da análise dos textos propostos) e trocamos experiências próprias da rotina estabelecida. Nossas avaliações eram realizadas através de relatórios semestrais; reuniões entre os preceptores e o orientador do projeto, bem como entre estes todos os residentes ou os núcleos específicos de cada escola, eram realizadas sistematicamente ao menos uma vez por bimestre.

Superadas as dificuldades de entrosamento com os alunos, a interação entre eles e os residentes melhorou substancialmente; isso é notável graças a participação cada vez mais ativa dos estudantes na execução das atividades; seja pedindo auxílio com questões, seja opinando a respeito das dinâmicas propostas, eles estão cada vez receptivos e engajados em envolver-se com as práticas.

Ainda assim, às vezes a empolgação revela-se um elemento negativo a ser mediado pelo professor. Me refiro ao barulho que pode ser gerado quando alguma participação é requisitada; nessa situação, todos tentam falar ao mesmo tempo e, não recebendo a atenção que esperavam, elevam o tom de voz, aumentando o barulho. Isso é um problema comum em todas as salas em que estive presente, seja no papel de professora, residente ou mesmo como aluna; à medida que encontrei pra aplacar o problema é “escolher um aluno”, apontando a pessoa ou chamando-o pelo nome e pedindo silêncio aos demais, desse modo os outros tendem a ficar em silêncio para ouvir, esperando sua vez; claro que nem sempre isso funciona e outras medidas precisam ser tomadas, cabendo ao professor escolher o que é mais efetivo diante do perfil da turma.

Por outro lado, é igualmente problemático quando eles optam por não participar e generalizam o silêncio em sala de aula. Diante disso, a solução que encontrei é prosseguir com o assunto, respondendo eu mesma a questão proposta e aguardando uma nova oportunidade de instiga-los. Não só perguntas, como analogias engraçadas e o uso de um vocabulário mais simples (ou, às vezes, propositalmente mais “complicado”) funcionam bem com as turmas em que leciono. Levando em consideração que o professor Mercias tem sala própria (o que permite a preparação do aparato antes da aula) e aparelho projeção, sempre busco inserir imagens para “dar cara” ao que/a quem estou falando e (sempre que possível, quando não há imprevistos) levar vídeos, geralmente com o propósito de “ilustrar” minhas falas, mas também os uso para complementá-las com informações que não citei; algumas vezes não os levo, mas indico, para que busquem por conta própria com o intuito de que pesquisem mais sobre o assunto mesmo fora de sala.

Destaco, dentre as atividades realizadas na escola entre os meses de fevereiro e junho (que compreendem ao primeiro e segundo bimestre – primeiro semestre – do ano letivo), uma palestra – efetuada por quatro de nós: Arthur, Eduarda, Pedro e eu – apresentada no Dia da Mulher para as turmas do Ensino Médio, visando discutir o papel feminino no passado e no presente, salientando as lutas por igualdade de gênero e a diferença dos desafios enfrentados pelas mulheres das sociedades ocidentais, do oriente médio e África subsaariana, frisando o respeito pelos distintos elementos culturais que as compõem. Isto nos rendeu um bom primeiro contato com as turmas e nos mostrou possíveis desafios que enfrentaríamos em relação a elas e algumas outras, como: o cuidado com o tempo de fala, a mediação dos debates levantados, o que desperta ou retrai a atenção do aluno.

Com relação as atividades realizadas durante o segundo semestre o ano (entre os meses de Julho e Outubro do ano em curso - 2019) chamo a atenção para o projeto “o impacto do rádio, do cinema e de movimentos musicais no cenário político e cultural brasileiro”, que foi realizado em três aulas pelas residentes responsáveis pelos 9os anos (EF – Anos Finais) – grupo do qual sou integrante – nestas turmas, utilizando diversas fontes em sala (áudios, vídeos de apoio e trechos dos filmes e músicas supracitados); como avaliação, nós pedimos que eles produzissem um programa de rádio que se passasse na Era Vargas, utilizando músicas, comerciais e reproduzindo uma notícia própria da época. No dia das apresentações, nós entregamos fichas aos grupos que eles avaliassem uns aos outros através dos requisitos pedidos; a diversidade de trabalhos, bem como a diversão para produção e avaliação deles, produziu resultados satisfatórios em termos de aprendizagem e proporcionou uma experiência única e divertidamente inesquecível junto aos alunos.

Com relação a análise documental realizada, destaco a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) por seu uso diretamente ligado a elaboração dos planos de aula. A BNCC visa ser um alicerce comum na educação de todos os estados e municípios; seu eixo principal é o desenvolvimento pautado no “conhecimento do EU e reconhecimento do Outro”, no “enfrentamento de tensões e conflitos”, nas “possibilidades de conciliação” e “formação de propostas e soluções”, em suma, o desenvolvimento de um alunato autoconsciente, ético e crítico. Com relação as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas o foco da BNCC para o Ensino Fundamental é que os estudantes desenvolvam as noções de indivíduo e de sociedade, noções de temporalidade, espacialidade e diversidade; já a BNCC do Ensino Médio visa ampliar e aprofundar essas questões, devido a ampliação da capacidade cognitiva dos jovens o que possibilita que eles tenham raciocínios mais complexos necessários aos processos de simbolização e abstração; seus cernes temáticos são: tempo e espaço, territórios e fronteiras, natureza e sociedade, cultura e ética, e política e trabalho.

Em suma a BNCC influência diretamente no Plano curricular estadual que a escola segue, definindo quais Competências e Habilidades o professor deve levar em conta ao planejar sua aula. Tudo isso é devidamente registrado no Siepe, por dia e turma, são colocados os eixos (tema da aula), conteúdo trabalhado, qual a metodologia utilizada e quais as expectativas de aprendizado a serem atendidas, sendo imprescindível que você conheça bem os documentos e maneiras práticas de executá-lo.

Infelizmente, no cotidiano perde-se quantidades de tempo diferentes de acordo com a turma, pois crianças e adolescentes tendem a serem “agitados”, isso pode ser amenizado pela dinâmica do profissional, mas é incapaz de ser extinto; dessa forma (como um dos três pilares educacionais é o próprio aluno) nem todo conteúdo exigido é visto em sala de aula, alguns são descartados ora pela complexidade, ora porquê não influenciarão em conteúdos vindouros (ou “testes” a qual os estudantes são sujeitos com certa regularidade), portanto não podem ser priorizados neste cenário. Além disso, muitas vezes algumas das habilidades existentes na BNCC, não podem ser praticadas por falta de equipamento ou “formação” precedente.

1. **A iniciação à docência através do programa de Residência Pedagógica**

Como participante do Programa de Residência Pedagógica e enquanto estudante do curso de curso de licenciatura em História através da UPE – Campus Mata Norte tenho propriedade para dizer que sem o programa muitos de nós, atuais residentes e concluintes em seus cursos, não estaríamos prontos para o mercado de trabalho. Essa é uma afirmação dura, admito, principalmente se considerarmos que todo estudante do curso de licenciatura começa a estagiar por volta do 4º período do curso, mas não é inadequada se pensarmos nos moldes do antigo estágio e o compararmos aos moldes da residência.

No primeiro, nós não recebíamos auxílio para realizar pesquisas e projetos, não era cobrada (ou possível de ser cobrada) uma carga horária que permitisse a imersão do formando na escola, interagindo com os diversos membros que a compõe, nem trabalhado de maneira efetiva (prática) os processos administrativos desta e, mais importante, nós não contávamos com as visitas frequentes do professor IES responsável pelo estágio na escola-campo, o que abria brechas para que formando e professor da escola-campo agissem de maneira inadequada às normas.

O PRP, por sua vez, supriu todas essas necessidades, possibilitando uma relação mais estreita entre a universidade e a escola de ensino básico (o que é um dos deveres básicos das IES), a troca de conhecimento e experiência entre professores experientes e em formação, o trabalho de textos imprescindíveis ao exercício e problematização da profissão e a pesquisa em campo (não só análise bibliográfica, mas de experiências práticas), pois os encontros realizados entre os residentes (a cada quinze dias para os participantes do mesmo subprojeto ou em eventos realizados pelo PRP em eventos do *Campus* comunais à participação dos integrantes de diversos subprojetos) não apenas discutia o aporte teórico do programa, como também servia de espaço para dialogar e refletir sobre as abordagens e estratégias pedagógicas utilizadas em sala de aula pelos diferentes participantes e seus preceptores.

Entretanto, apesar do sucesso, vale frisar que o programa (provavelmente por ser um “projeto piloto”[[6]](#footnote-6)) deve passar por algumas melhorias que viabilizem maior troca de experiência entre os participantes de diferentes escolas, diferentes subprojetos e maior apoio ao residente – no que diz respeito a relação entre a disciplina de estágio (componente curricular na IES) e os participantes do PRP (que em alguns casos não foram dispensados de realizar o estágio mesmo exercendo as atividades da residência pedagógica – que servem perfeitamente como um “estágio melhorado”).

No caso do subprojeto de História, cujo tema escolhido como cerne das intervenções foi “o trabalho com diferentes fontes históricas” (atendendo a um dos fundamentos da nova BNCC[[7]](#footnote-7)), os 24 alunos selecionados foram divididos entre as três escolas escolhidas pelo programa para abrigarem as atividades, desse modo, nove alunos foram destinados a Escola de Aplicação Professor Chaves (EAPC) e – com base nas observações realizadas durante o período de ambientação escolar (que aconteceu em 2018) – foi acordado que a partir do início do ano letivo de 2019 os residentes se separariam em três grupos para atuar nas diferentes turmas sob a tutela de Mercias: três alunas ficaram com as turmas do nono ano (EF anos finais), dois alunos trabalhariam com os segundos anos (EM) e três alunos com os terceiros anos (EM).

Esta abordagem permitiu a criação de um forte vinculo com a escola e as turmas, estabelecendo uma boa conexão profissional (e mesmo pessoal, pois como indivíduos sociais que somos, muitos laços de amizade foram criados) entre residentes, alunos e funcionários. A escola-campo já abrigava outros projetos de intervenção através de projetos como PIBID, estágio obrigatório e estágio remunerado, estando habituada a práticas comuns nesses programas e cooperando o máximo possível para a efetivação dessas. Logo, essa vivência possui um lado positivo, de profunda imersão na rotina escolar, e outro negativo, de pouca “mudança de cenário”; o vínculo as turmas, que foi algo decidido em reunião (um acordo entre o preceptor e os residentes, cuja maioria foi favorável a proposta), possibilitou que conhecêssemos o alunato ao máximo e nos adaptássemos de acordo, mas nos privou de experiências em turmas distintas.

Esse pequeno problema foi levado a discussão em nossas reuniões com o docente orientador que nos sugeriu um “intercâmbio” entre salas e escolas, para que pudéssemos prestigiar presencialmente as práticas pedagógicas de nossos colegas. Tive a oportunidade de participar de algumas aulas desse modo e é uma experiência enriquecedora, principalmente se considerarmos as particularidades de cada turma quanto ao seu corpo estudantil e as diferentes realidades das escolas participantes do projeto (estrutura, apoio técnico e administrativo para implantação dos projetos, corpo estudantil, dinâmica dentro, fora e entre turmas, etc.). Em alguns subprojetos do *Campus* esse “intercâmbio” foi realizado desde o início, entre grupos de diferentes escolas, de acordo com as propostas que o docente orientador tinha para a experimentação do PRP.

Como a escola-campo para a qual fomos destinados possui uma boa estrutura e está habituada a receber projetos de intervenção, as dificuldades foram mínimas, geralmente, ligadas ao desenvolvimento de nossas habilidades enquanto docente (relação aluno-professor) ou a imprevistos técnicos. Uma das dificuldades encontradas no início da Residência Pedagógica, durante a fase de ambientação, foi a criação de uma boa relação com os alunos, pois estes estavam imersos nos exames avaliativos do último bimestre, provas para ingresso em outras instituições (IFPE e ETE), além dos vestibulares e ENEM (no caso do ensino médio). Quando o período de regências e projetos começou, nossas dificuldades estavam relacionadas a encontrar repostas práticas para as seguintes questões: como chamar a atenção do aluno? Como fazer com que ele interaja em sala de aula? De que maneira posso ensinar este conteúdo de maneira compreensível nessa faixa etária? Quais conceitos devo priorizar? Que habilidades podem ser desenvolvidas a partir dessa atividade? Quanto tempo é necessário para a aplicação desse projeto? O que fazer agora sem “x objeto” que eu iria utilizar para “x atividade”?

Do planejamento ao improviso mediante imprevistos, nós passamos por diversas situações em todas as estações. Foram dias experimentando como conciliar a vida profissional, estudantil e pessoal, em tempos de chuva ou de sol, com o trânsito colaborando ou não, experimentando todos os sentimentos que uma sala de aula pode proporcionar, pois nos tornamos o mais perfeito de “professor-aluno”. Em suma, experimentamos como é ser professor na prática para que, ao concluirmos o curso e adentrarmos no mercado de trabalho, tenhamos uma boa competência profissional.

**Conclusão**

Em virtude dos fatos mencionados e levando em consideração que um licenciando no início de sua prática docente possui muitas contradições, tensões e compromissos (especialmente se ele começar a exercer a profissão, como professor contratado, enquanto ainda está em formação) que por vezes chegam a desestimular o prosseguimento na carreira; nisto, é visível que o projeto de residência diminui estas tensões, pois “reapresenta” o ambiente escolar (do qual ele foi afastado por algum tempo) ao universitário que, duas vezes aluno, agora deve mudar de perspectiva.

Desse modo, a aproximação com professores experientes e o cotidiano escolar, tanto o burocrático, quanto o social, dentro e fora das salas, torna-se a oportunidade perfeita para adquirir experiência prática em sala à medida que cria seu próprio perfil e auxilia mudanças no de colegas que já estão na fase de “desinvestimento na carreira”[[8]](#footnote-8).

Cabe agora aos próximos membros do programa (que teve seu edital renovado) continuar pesquisando novas formas de desenvolver competências cabíveis a futuros educadores a partir da análise de situações positivas e negativas, salientadas pelos Relatos de Experiência dos participantes da edição 2018/2020, levando em consideração a pluralidade do cenário educativo.

**Referências Bibliográficas**

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC. 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/historia> > Acesso 05 de Novembro de 2019.

\_\_\_\_\_\_\_. Edital CAPES 06/2018 que dispõe sobre a Residência Pedagógica. Disponível em <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018-Residencia-pedagogica.pdf>. Disponível em 01 de maio de 2018.

PPP. Projeto Político Pedagógico da Escola de Aplicação Professor Chaves – EAPC. Endereço: Rua Professor Américo Brandão, 43 – Bairro: Centro – CEP 55800-999. Nazaré da Mata/Pernambuco. 2007.

1. Graduanda em História pela UPE – Campus Mata Norte; autora. [natalia.barboza.silva@gmail.com](mailto:natalia.barboza.silva@gmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. Mr e Dr em História Comparada pela UFRJ; orientador do programa da Residência Pedagógica na UPE – Campus Mata Norte. [igorlapsky@gmail.com](mailto:igorlapsky@gmail.com) [↑](#footnote-ref-2)
3. Professor preceptor da Escola de Aplicação Professor Chaves (EAPC) – Nazaré da Mata. Orientador. [mersilva2011@hotmail.com](mailto:mersilva2011@hotmail.com) [↑](#footnote-ref-3)
4. No sentido de “prática”

   **Financiamento**: CAPES. [↑](#footnote-ref-4)
5. Pág. 41 [↑](#footnote-ref-5)
6. Programa em fase de testes que viabiliza a experimentação de novos processos e ferramentas durante um determinado período de tempo. [↑](#footnote-ref-6)
7. “é fundamental considerar **a utilização de diferentes fontes e tipos de documento** (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram” (BRASIL, 2017, p. 398). [↑](#footnote-ref-7)
8. Huberman(1992) [↑](#footnote-ref-8)